

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. o n.ºs	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1201	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	10 de Maio de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	650	120		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		

CRONICA OCCIDENTAL

O Congresso da Republica decretou que fôsse feriado o dia 3 de maio, data do descobrimento do Brasil.

Para este effeito apresentou o sr. dr. Bernardino Machado ao Congresso um projecto de lei, e justificou que o dia 3 de maio, depois da reforma gregoriana, é o que rigorosamente corresponde ao de 22 de abril, em que os da frota de Alvares Cabral, primeiro avistaram aquela terra, em virtude de que a denominaram Terras de Santa Cruz comemorando o dia do seu descobrimento.

Isto é coisa assente desde a citada reforma gregoriana e é esta a data comemorada no Brasil.

No roteiro de viagem de Pedro Vaz de Caminha lê se:

«Deixando a Deus o cuidado de vigiar pelo salvamento dos nossos irmãos (1), seguimos nosso caminho ao longo destes mares, em que já andavamos, quando em terça feira das oitavas da Pascoa, que era 21 de abril, encontramos alguns sinais de terra. Estavamos então, segundo o calculo dos pilotos, a umas 660 ou 700 leguas distante da mencionada ilha de S. Nicolau. Consistiam esses sinais evidentes de proximidade de terra na muita quantidade de ervas compridas que boiavam sobre as aguas, a que chamamos *botelho*, e tambem numas outras de nome *ra-bo de asno*.»

«Na quarta feira seguinte (22), pela manhã, vimos umas aves a que chamam *fura-buchos* e neste dia, ao cahir da tarde, divisámos terra. O que primeiro vimos foi um grande monte muito alto e redondo e outras terras mais baixas ao sul d'ele, ás quaes se seguiam umas terras chans de grande arvoredo. Ao alto poz o capitão o nome de *Monte Pascoal* e á terra a designação de *Terra de Santa Cruz*.»

Vem isto a proposito de se terem agora suscitado

(1) Refere-se á perda da nau de Vasco de Ataíde, que fazia parte da frota.

duvidas sobre a rigorosa data do descobrimento do Brasil e sua comemoração no 3 de maio.

E esse foi o dia comemorado em Portugal como no Brasil o é ha muitos anos. Essa comemoração não teve brilho correspondente áquele de que fala João de Barros nas suas *Decadas* quando se refere á partida de Alvares Cabral para a viagem em que, felizmente, descobriu as Terras de Santa Cruz, hoje Brasil.

«Assim se viam todos com suas librés e bandeiras de cores diversas, que não parecia mar mas um campo de flores, com a frol daquela mancebia juvenil que embarcava. E o que mais levantava o espirito destas cousas, eram as trombetas, atabaques, sestros, tambores, frautas, pandeiros, e até gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gados, naquele dia tomaram posse de ir sobre as aguas salgadas do mar nesta e outras armadas que depois a seguiram porque para viagem de tanto tempo, tudo os homens buscavam para tirar a tristeza do mar.»

Não teve o brilho correspondente de que fala João de Barros, ao inicio do descobrimento, porque a resolução do Congresso, á ultima hora, não deu tempo a que se preparassem festas publicas comemorativas, como seria proprio, organizando-se, por exemplo, um cortejo historico representando a caracter o que se havia passado, na partida de Pedro Alvares Cabral, da celebre praia do Restelo.

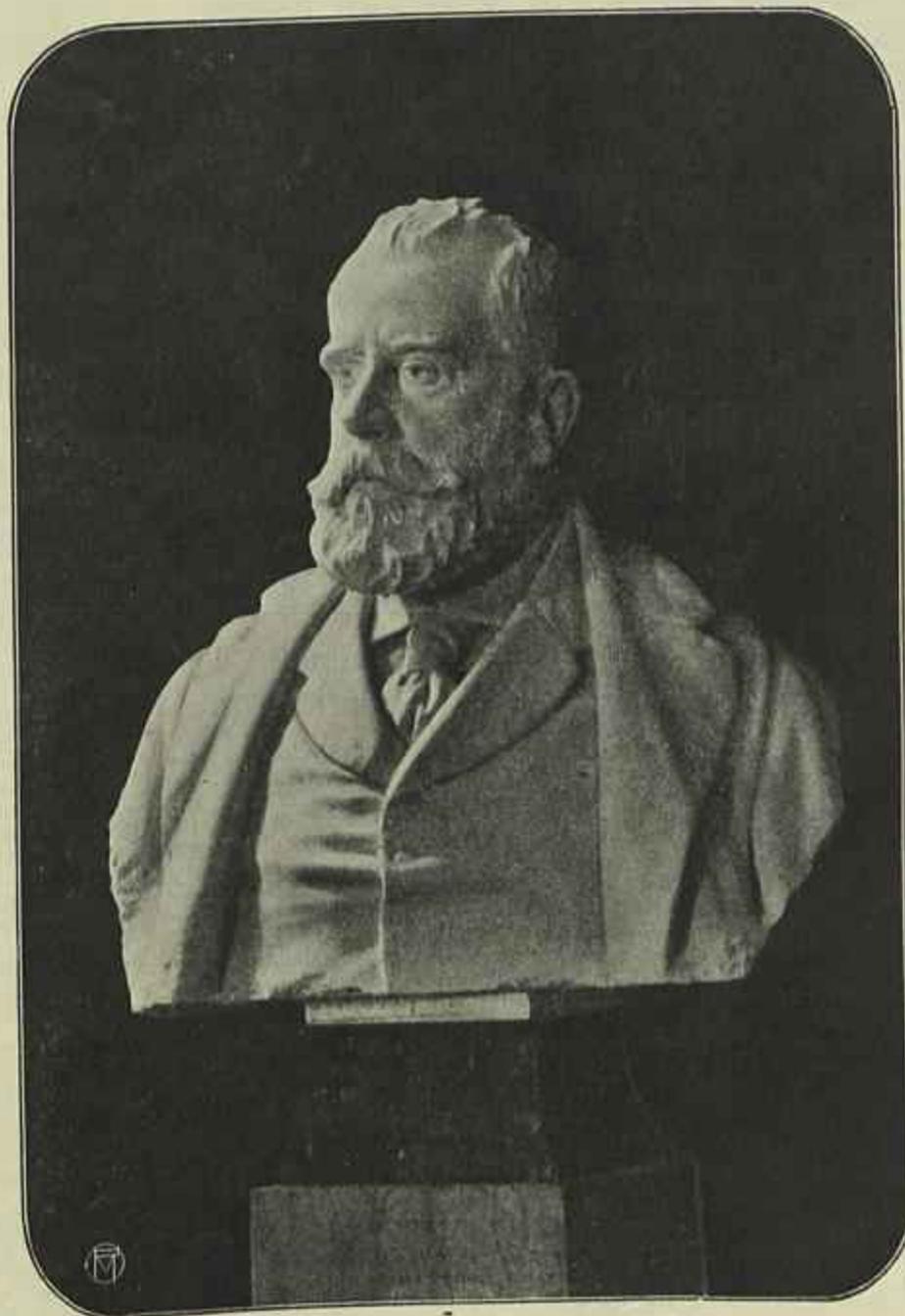
A evocação dessa partida, era mais uma recordação gloriosa para a alma deste povo, aquella que, assim representada a seus olhos, mais lhe havia de falar ao espirito e tocar o coração, já que ele pelas leituras tão pouco ou nada sabe da sua historia, e como sabel-o se é analfabeto.

A arte é a maior educadora; a que tanto se impõe á contemplação do sabio, como fala ao ignorante pela demonstração plastica das coisas. O ignorante não comprehendia o seu Deus se o não visse representado conforme a sua crença.

Um povo sem arte perde-se na historia. A antiga Grecia ainda hoje vive na memoria dos povos, mais pela importancia da sua arte do que pelos feitos das suas armas.

E' ainda por meio da Arte que vae agora estreitar-se mais o laço de sangue e de amizade entre os dois povos irmãos, Brasil e Portugal.

Uma comissão se organisa para oferecer uma obra de arte ao Brasil, um penhor de fraternidade entre o velho Portugal e a grande Republica Sul-Americana. Será uma floreira de prata de que o eximio artista sr. João Sil-



BUSTO EM MARMORE DO EX.º PRESIDENTE DA CAMARA DOS SENADORES E DO MUNICIPIO DE LISBOA, ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE — ESCULPTURA DE TEIXEIRA LOPES

(Cliché A. Lima)

va, autor do tinteiro oferecido ao sr. dr. Afonso Costa e outros trabalhos de cinzel, apresentou um modelo, bela composição que o OCCIDENTE reproduzirá em um dos seus proximos numeros.

E' uma feliz ideia que terá o aplauso de todos os portugueses como merecerá a estima de todos os brasileiros, prova de reciproco carinho entre os dois povos.

Nesta ordem de ideias, toma de novo vulto em Paris, a erecção de um monumento a Camões, como o grande poeta da raça latina cuja sua monumental obra, *Os Lusíadas*, espalha pelo mundo inteiro as glórias de Portugal.

No intento estão empenhados os literatos e poetas da França, para erguerem na capital do mundo esse monumento, gentileza a que os portugueses saberão corresponder, levantando em Lisboa um monumento a Victor Hugo.

E de Arte vai a cronica ocupar-se notando o progresso que dia a dia ela afirma neste país.

Principiando pela exposição de pinturas e desenhos de Alfredo Keil, esse poeta da Arte que tanto inspirou a sua paleta nas belezas naturaes deste linda terra como as lendas, tradições e costumes lhe inspiraram o seu genio musical, outras manifestações de arte se seguiram na ultima dezena.

A exposição Keil deu ensejo a mais uma vez o publico, que a visitou, poder apreciar o genial e malogrado artista que é hoje uma memoria gloriosa.

A arte decorativa por mãos femininas, foi um

nancios, Antonio Henriques da Silveira, José de Oliveira, Sebastião Tavares, Augusto Lino Martins, etc., que fundiram a estatua, cuja altura ascende a 3 metros e pesa 2:000 kilos de bronze.

E para terminar, a outra exposição tem que se referir a cronica, uma exposição muito interessante, que anualmente realiza o antigo collegio de Nossa Senhora das Dores, estabelecido no palacio dos srs. condes de Oliveiras, á rua de Buenos Aires.

São trabalhos das alumnas que constituem o enlevo dos visitantes ante aquelas obras femininas que mostram grande aproveitamento, numa profusão de bordados de toda a especie, de lindissimas rendas, de relevos em madeira e em sola, de pinturas em setim, em linho e télia, devendo especialisar-se a pintura em louça, imitação de Sevres, de que é professora a sr.^a D. Maria Eufrasia Esteves Costa Moniz Tavares, dirigindo com rara proficiencia as suas discipulas e conseguindo trabalhos verdadeiramente primorosos.

Como se não bastasse este atrativo, a musica tambem ali é cultivada com belo resultado, e então foi ouvir as jovens concertistas, ora tocando trechos dificeis no piano, ora com seus bandolins e rebecas, tocando a solo, em duétos e sextetos, serenatas, marchas; todo um lindo repertorio que foi um encanto ouvir, merecendo os aplausos da numerosa e distinta assistencia que enchia a sala completamente.

Especialisar uma ou outra das executantes seria provocar suscetibilidades, porque todas con-

Fernão Boto Machado

Novo consul geral de Portugal no Rio de Janeiro

E' este o segundo consul geral que o governo nomeia para o Rio de Janeiro, em virtude do sr. dr. Fernandes Costa, que ali estava exercendo aquele cargo desde janeiro do ano passado, ter pedido a sua demissão.



FERNÃO BOTO MACHADO

As divergencias sob o ponto de vista politico que existem desde a implantação da Republica Portuguesa, entre os nossos compatriotas residentes no Brasil, não são estranhas a esta instabilidade dos enviados do governo português áquele país irmão, pela dificuldade de conciliar os animos, conciliação tão necessaria para a boa harmonia dos interesses da colonia e da patria portuguesa, que a, despeito de tudo, merece todo o amor dos nossos irmãos em além mar.

Foi agora o sr. Boto Machado no bom proposito de conseguir a completa união da colonia portuguesa, certo como está e com razão, do grande patriotismo que a anima.

O sr. Fernando Boto Machado, antigo redator e proprietario do *Mundo Legal* revista de jurisprudencia, é um dos mais distintos jornalistas portugueses e dirigiu a *Vanguarda* na ausencia de Magalhães Lima. Foi ele que levantou na imprensa a campanha contra a exploração dessas desgraçadas mulheres de vida facil, pela policia administrativa, o que determinou uma sindicancia áquele corporação.

Orador eloquente, a sua palavra tem sempre defendido os humildes e desprotegidos, como no Congresso Nacional de que é senador.

Para o advento da Republica trabalhou com decisão, tanto na imprensa como nos comicios em Lisboa e varias terras do país, e o mesmo fez em conferencias publicas.

E' de esperar que o sr. Boto Machado, no alto cargo em que foi investido, o desempenhe condignamente e realice o desejado fim de conciliação, naquela grande Republica, da colonia portuguesa, como convém a todos os portugueses.



O MEZ METEOROLOGICO

Abril de 1912

Barometro — Max. altura 771^{mm}.1 em 3.

Min. altura 751^{mm}.1 em 27.

Temperatura — Max. altura 23°.9 em 23.

Min. altura 9°.2 em 2 e 3.

Chuva — 16^{mm}.3 em 4 dias, sendo um dos mezes de abril menos chuvosos destes ultimos anos.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 18 dias.

Ceu nublado 12 dias.

Ceu encoberto 7 dias.

Vento dominante — NW.

Horas de sol descoberto — 293 h. e 13'.

Hygrometria — Maxima altura 88.

Minima > 25.



NO COLEGIO DE NOSSA SENHORA DAS DORES — GRUPO DE MENINAS CONCERTISTAS

(Cliché Fernandes)

certamen lindo realizado nas salas da Liga Naval pela redação do nosso colega *O Jornal da Mulher*. Ali se puderam ver bordados de varios generos, pinturas em seda, rendas, applicações em madeira, barro e outras de belo efeito. Trabalhos em madeira e em couro relevado, o que tudo mostra o muito que se tem progredido nestas especialidades, uma boa parte delas ainda ha pouco ignoradas no nosso meio educativo feminino.

A cronica na impossibilidade de chegar para apreciação detida das exposições realizadas, em tão curto espaço de tempo, mal se pôde ocupar da exposição de pintura do sr. Teixeira Bastos, um professor e um artista já muito conhecido do publico e com seus creditos firmados, que ha anos a esta parte vem convidando os amadores a visitarem o seu atelier, na rua Rodrigo da Fonseca, um belo salão em que o sr. Teixeira Bastos expoz 48 quadros de varios generos, pois todos o artista cultiva. Assim se podiam ver ali a par da paisagem, a natureza morta, os tipos e costumes, os animaes, quadros ricamente emoldurados e bem dispostos para a decoração de muito boas salas, onde aliar a nossa burguezia teima em decorar de preferencia com grandes espelhos, vistosos sem significação.

Outro acontecimento artistico ha a notar. Nas oficinas de fundição do Arsenal do Exercito, concluiu-se a bela estatua de Joaquim Antonio de Aguiar, mais um trabalho notavel do bem reputado escultor Costa Mota, que encontrou bons cooperadores da sua obra nos irmãos Ve-

correram com quanto sabiam para o belo conjunto das provas que apresentaram, e que, em verdade, muito honram o collegio dirigido pela sr.^a D. Maria da Conceição Monteiro de Sousa Costa, ilustrada senhora que ha tantos anos vem educando avultado numero de meninas, que são hoje senhoras elevadamente ilustradas e até professoras.

Mas uma nota simpatica tem a cronica que frisar. Neste collegio, a par de tantas alumnas, cujos paes pagam a educação, encontram-se outras que da mesma forma a recebem gratuitamente.

Bem hajam quantos procuram enriquecer os pobres com o tesouro do saber.

CAETANO ALBERTO.



Uma escultura de Teixeira Lopes

Na vasta galeria de trabalhos do insigne escultor Teixeira Lopes enfileirou-se agora mais uma obra importante, qual a de um busto em marmore do ex.^{mo} presidente da Camara dos Senadores e do municipio de Lisboa, sr. Anselmo Braancamp Freire, e que ha pouco foi colocado em uma das salas dos Paços do Concelho.

Este busto é um bello trabalho de modelação e cinzel, e, como retrato, de uma semelhança perfeita.

CAMÕES

«N'este acabar de século, repito, por tantos lados semelhante ao fim funebre do século XVI, quando morreram Portugal e Camões, o vivo desejo da minha alma é que se effectivamente está morta a esperança inteira e temos de abandonar a idéa de voltarmos a ser alguém digno de nome vivo sobre a terra, este livro seja como um ramo de goivos depositado no altar do poeta, que, morrendo com a patria, lhe cantou o glorioso passado, legando-nos o testamento de um futuro não cumprido.»

J. P. OLIVEIRA MARTINS — *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal.*

A precedente epigraphe não foi por mim transcripta da obra citada, impressa em 1891, mas do bello volume, *Os Ideaes de Oliveira Martins*, com que o meu querido amigo Frederico Diniz d' Ayalla, em 1897, quiz «pagar uma dívida de gratidão» (expressões suas no introito) á memoria do mallogrado escriptor, que fôra ministro com Dias Ferreira.

E, notavel coincidência, mortos já são agora esses dois homens, encaçaveis trabalhadores, ambos capazes da administração publica, ambos, se vivos fossem, certamente aproveitados com summa vantagem do Estado e da justa causa da Democracia!

A morte, porém, é assim: revela-se no proprio momento inicial dos formosos triumphos, como ocorreu com Miguel Bombarda e Candido dos Reis, e deixa, para serem preenchidos por figuras apagadas, os logares de primacial envergadura dirigente e de austera energia organisadora de administração!

Camões, finou-se a tempo. Já em seus dias previu torpezas do futuro, e este conselho deu, em generoso legado:

«Os mais experimentados levantai-os.»

(*Lusíadas*, CANTO X, EST. CXLIX.)

Elle vira cousas, testemunhára scenas, em que pudéra chegar á seguinte conclusão:

«... e eu digo que jogam de todalas armas porque

Todos somos del merino»

(*Uma Carta Inédita de Camões*, por Xavier da Cunha, Coimbra Imprensa da Universidade, 1904).

Entretanto, de extranhos ferros, irrompeu Portugal para a liberdade e, se não encontrou o poeta na vida mortal, tem-o em si, na immortalidade plena de uma mortalha fulgurante. — *Lusíadas!* apraz-me repetir esta palavra, que concentra toda a historia de um povo, que encerra todos os padrões da sua gloria!

Decoraes, fixae na memoria, este lance, todos vós, leitores:

«No cerco de Colombo, refere o illustre visconde de Juromenha, os soldados distrahiam o trabalho e a fome, cantando estancias inteiras dos *Lusíadas*. Por onde se vê que o livro de Camões deixou no espirito da gente portugueza a idéa antiga da patria; antiga e gloriosa, e por isso mais querida.» (Conde de Valençães, Dr. Luiz Jardim — *Discursos Politicos e Litterarios*).

No mez de junho de 1880, Portugal saldou uma dívida imperdoavel, que ainda não está completamente satisfeita. O dia 10 d'esse mez, «o dia mortal de Camões, o dia immortal do poeta», conforme, em expressão genuína, accentuou D. Antonio da Costa (*Auroras da Instrução*) reclama da gratidão nacional mais alguma cousa, de caracter generico e perduravel.

Recorda uma existencia, que: «não é uma simples indicação de dados biographicos; ella está ligada a todos os accidentes historicos da nacionalidade portugueza.» (Theophilo Braga — *Os Lusíadas*, Lisboa, Pereira & Amorim, editores, 1881).

Ora, como tal, não é bastante a consagração de Lisboa e de outras localidades á sua memoria, cumpre que o Congresso da Republica o decreto, officialmente, como já o devêra ter feito o Governo provisório, em relação a esse dia e ao 1.º de maio, o dia do trabalho e das flôres, se aquillo que se denomina bom senso e intelligencia clara, fôsse apanagio de politicos em terras portuguezas.

«Não resurjas, Camões, fica-te na corôa imarcescivel dos *Lusíadas*, e na voz formidanda e altoquua dos seculos!» Assim fechei eu, em hora

de magua intensa e de luto que não finda, algumas pobres linhas, singella contribuição camoniana, dada á estampa em 1909; mas, não me julgo desobrigado de, sempre que me fôr possível, exteriorisar pela penna um tributo e homenagem, que constituem dever civico inconfundivel de todos os portuguezes dignos d'este nome.

Consola-me, esta linguagem de um douto alemão, que foi amante das bellas letras portuguezas e verteu, a obra inteira de Luiz de Camões; alludo ao fallecido Wilhelm Storck, o qual, no introito com que precedeu a *Introdução Historica* do volume dedicado á 1.ª parte da vida e obras do nosso épico, magistralmente traduzido por D. Carolina Michäelis de Vasconcellos, citando o *Camões* (Paris, 1825) de Garrett, accrescentou isto:

«O energico toque de clarim, com que perguntou:

«Onde jaz, Portuguezes, o moimento,
«que do immortal cantor as cinzas guarda?...»

e a que deu resposta com tons piangentes de vilipendio apaixonado:

«Nem o humilde logar onde repoisam,
«as cinzas de Camões, conhece o Luso!

não se esvaeceu sem ter encontrado um forte echo repercutidor, e originado uma grande faina.»

De facto, originou, e essa faina, felizmente, não se limitou a procurar-lhe os ossos, erigir-lhe a estatua, celebrar-lhe o tricentenário, prosegue ainda agora (aqui tenho provas — *Camões e Macedo* por José Ramos Coelho e *Camões em Macau* por Jordão de Freitas, preciosas publicações de erudição profunda, que tiveram sahida em 1911), e proseguirá enquanto existirem não só habitantes racionais no tracto mais occidental da peninsula iberica, mas tambem e até no proprio planeta.

Camões foi portuguez, é indubitavel, mas transpoz as fronteiras da nacionalidade, alevantou-se como Homero e Virgilio, como Tasso e Milton.

Compete-lhe, por isso, figurar na galeria d'esses luminares portentosos das gerações e dos seculos, e compete-lhe por direito adquirido, sem preterições de ninguém.

O que a nós, compete, á porfia, é revivê-lo na terra do berço, como elle reviveu, outr'ora os que fôram:

«Em perigos e guerras esforçados,
«Mais do que promettia a força humana.

Vou concluir a presente prosa, apenas recomendavel pelas transcripções que insere e pelas intenções que a dictam, com dois assérto, legitimos e primorosos, do mais facundo e empolgante estylista lidimo que floresceu em Portugal nos derradeiros annos, — José Maria Latino Coelho (*Panegyrico de Luiz de Camões*, lido na sessão solemne da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 9 de junho de 1880):

«Fizemos a epopéa sublime, traduzida pelo Camões na divina linguagem do seu estro. Façamos hoje a epopéa mais modesta da liberdade, da sciencia e do trabalho.»

D. FRANCISCO DE NORONHA.



Sé de Lisboa

Por um dever a que não podemos fugir, vamos occupar-nos da Sé de Lisboa e do distincto engenheiro Augusto Fuschini, ha pouco fallecido, primeiro iniciador dos trabalhos de restauração d'aquelle templo.

Não é, porém, a historia do edificio, a critica das obras de restauração ou a biographia do illustre extinto que vai ler-se; porque, para isso são indispensaveis conhecimentos technicos e especiaes que nos falcem; mas simples apontamentos ao correr da penna, para satisfação de um pedido que de longe nos foi dirigido e que differentes motivos nos têm impossibilitado de satisfazer.

De todos os edificios portuguezes, é certamente a Sé de Lisboa um dos mais antigos, pretenden-

do uns que já existisse ao tempo dos godos, outros que fosse mesquita arabe; porém, nem uns nem outros nos indicam as fontes que os levaram a semelhantes conclusões, de onde deprehendemos que não passam de simples hypotheses, baseadas na tradição oral, por demais adulterada com o decorrer dos seculos.

O incendio que se seguiu ao terremoto de 1755 destruiu, entre outras preciosidades, o riquissimo cartorio, e, com elle, todos os elementos que poderiam derramar luz sobre a origem do antigo edificio, sendo actualmente impossivel dizer com segurança da sua fundação. Ha, todavia, um ponto incontroverso. E' o da existencia do edificio á data da tomada de Lisboa por D. Afonso Henriques em 21 de outubro de 1147, segundo a affirmação de um cruzado inglez, testemunha ocular dos acontecimentos da epocha.

Outro ponto, que tambem não offerece duvida, é o que diz respeito á grandeza e sumptuosidade do edificio, de que ainda se encontram vestigios, quando cuidadosamente estudado, não obstante as successivas reconstrucções, provenientes dos cataclismos por que tem passado.

Apesar d'essas reconstrucções lhe haverem tirado quasi todo o caracter primitivo, ainda hoje existem dispersos alguns trechos archeologicos e architectonicos dignos de serem conservados, pela sua belleza e importancia, os quaes justificam a restauração a que o governo mandou proceder em 1902, creando uma Direcção especial, superiormente dirigida por Augusto Fuschini.

Até essa epocha pode dizer-se que os trabalhos na Sé de Lisboa se limitavam a simples reparações sem ordem nem plano de qualquer especie, e que só em 1902 se iniciou a verdadeira obra de restauração, a que Augusto Fuschini dedicou o melhor da sua vasta intelligencia.

Surprehendido pela morte, não pôde ver realizado o projecto que com tanto estudo e trabalho havia concebido; mas ainda assim, deixou quasi restaurada a fachada lateral norte do edificio e a capella de Bartholomeu Joannes, cujas paredes estão ainda em parte por cobrir, porque, tencionando Fuschini guarnecel-as com assumptos de polychromia desejava antes ir á Belgica e á Italia estudar convenientemente este trabalho.

No interior da referida capella, encontram-se, desmontadas, as pedras de um altar ogival, cujo desenho é digno de menção e onde depois seria collocada uma forte e ampla cruz de madeira com o Christo em pedra, obra do notavel esculptor Teixeira Lopes.

Logo que as paredes estejam guarnecidas e o altar collocado, esta capella, tão elegante nas suas linhas geraes, como bella na simplicidade da sua architectura ogival, será d'um effeito surprehendente, pelo conjunto d'arte, de riqueza e de esthetica.

Desde a entrada lateral d'este lado da Sé até o braço esquerdo da cruz do transepto, está restaurado o velho camarim do Patriarcha, para onde hoje se entra por uma porta romanica, devendo inutilizarem-se, ao proceder-se á restauração do corpo da igreja, as outras duas portas, abertas quando o interior da igreja começou soffrendo as barbaridades que lhe infligiram depois do terremoto de 1755, e principalmente no periodo do seculo passado, em que se mascarou a igreja, segundo a propria expressão de Augusto Fuschini.

Sobre a porta romanica que dá entrada para o camarim, foi collocada uma janella do typo caracteristico das janellas do estylo romanico do seculo XII, em que uma serie de archivoltas, em fórma de leque, deixam, talvez, ver o unico exemplar de janellas d'aquella epocha.

Por cima do camarim, tambem deixou restaurada uma sala ogival, que, juntamente com a galeria que fica na parte superior da nave central, era destinada a servir, de futuro, para accomodar o rico thesouro da Sé, mas de fórma que, guardando convenientemente as alfaias e mais objectos d'arte, alguns de subido valor, que existem na cathedral de Lisboa, podessem ao mesmo tempo offerecer relativa facilidade na visita ao thesouro, o que até agora constituia um problema difficil de resolver. Fuschini tinha pois em vista fazer do thesouro da Sé uma especie de «Museum», expondo para isso todos os objectos em largas vitrines e grandes mostruarios e cobrindo as paredes que ficam livres com algumas velhas tapeçarias que existem na Sé.

A Restauração da Sé Catedral de Lisboa

A entrada lateral norte, que constitue um dos primeiros trabalhos d'esta restauração, é deveras interessante, pela sua conjugação com a capella de Bartholomeu Joannes.

Tanto n'esta entrada como no angulo formado pela capella com a torre norte, onde Fuschini mandou construir um altar ogival, protegido da rua por um gradeamento, admiram-se trabalhos de Teixeira Lopes.

Na fachada principal, restaurou a torre norte e deixou muito adiantados os trabalhos da torre sul, tencionando, no corrente anno economico, levantar a parte reintrante, entre as duas torres segundo o plano que deixou documentado.

A morte infelizmente veiu impedi-lo de realizar esta parte do projecto, que tanto o interessava, e a que ainda deu principio, dirigindo o corte e trabalho ornamental das pedras que haviam de constituir os elementos architectonicos d'esta fachada, dos quaes já existiam as bases do arco da entrada e quasi uma das columnas centraes do mesmo arco, tudo montado provisoriamente no claustro do edificio.

O delineado projecto d'esta fachada contrasta sem duvida, nos seus differentes elementos, com a pobreza das torres; todavia, cingindo conscienciosamente esses elementos ao que se fazia n'este estylo du-



AUGUSTO FUSCHINI, AUTOR DO PROJETO DE RESTAURAÇÃO DA SÉ DE LISBOA

que, em grande parte, ainda hoje se desconhecem. Ao mesmo tempo, tornaria mais eficaz a acção educativa e attrahiria as massas populares, deslumbradas um pouco com a sua riqueza.

Na fachada lateral sul, limitam-se os trabalhos de restauração á capella chamada de S. Sebastião, á immediata e ás janellas abertas na charola, pela parte superior d'essas capellas.

Vem a proposito dizer-se que essas capellas e a de S. Vicente, cuja restauração se ia iniciar, fazem parte de um agrupamento circundando a charola, cujo contorno existe principalmente dentro do jardim do claustro.

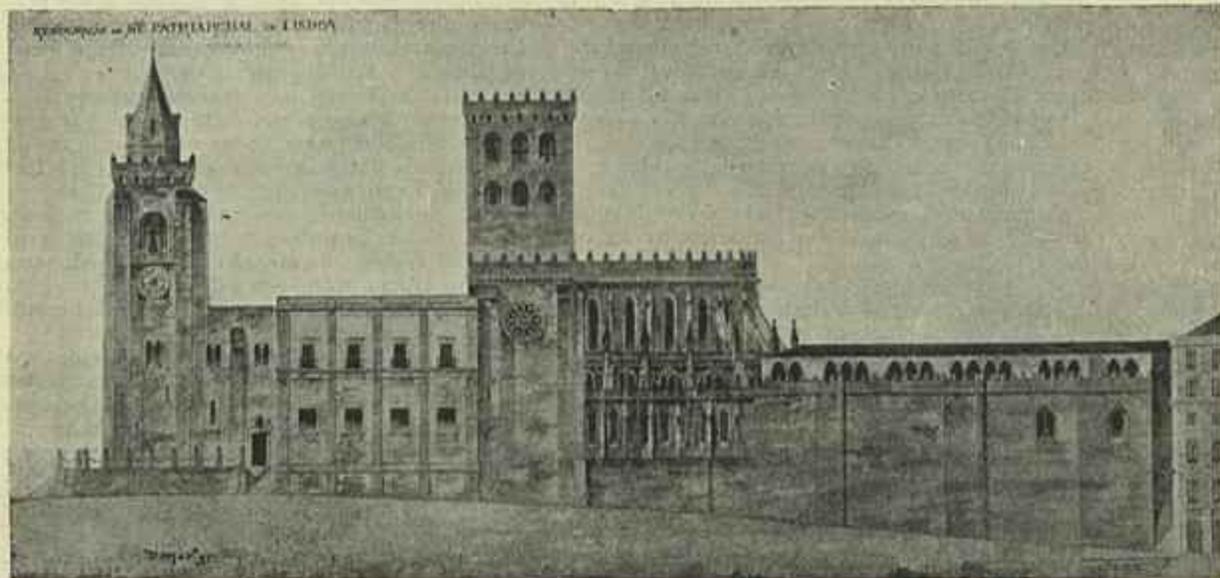
Esta capella de S. Vicente abria para o exterior por uma janella geminada, no estylo das janellas das restantes capellas.

Para a capella de S. Vicente fez Thomaz Costa a imagem de S. Sebastião, que se encontra depositada no claustro, esperando occasião de ser collocada no seu lugar.

Em seguida á torre sul, cuja restauração, como dissemos, se estava concluindo, ha um edificio annexo, de pobre estylo Renascença, que abre para a nave lateral sul e para a galeria que lhe fica superior. E' n'este edificio que se encontram no pavimento ao nivel da egreja a sacristia e ao nivel da galeria o thesouro e sala capitular.

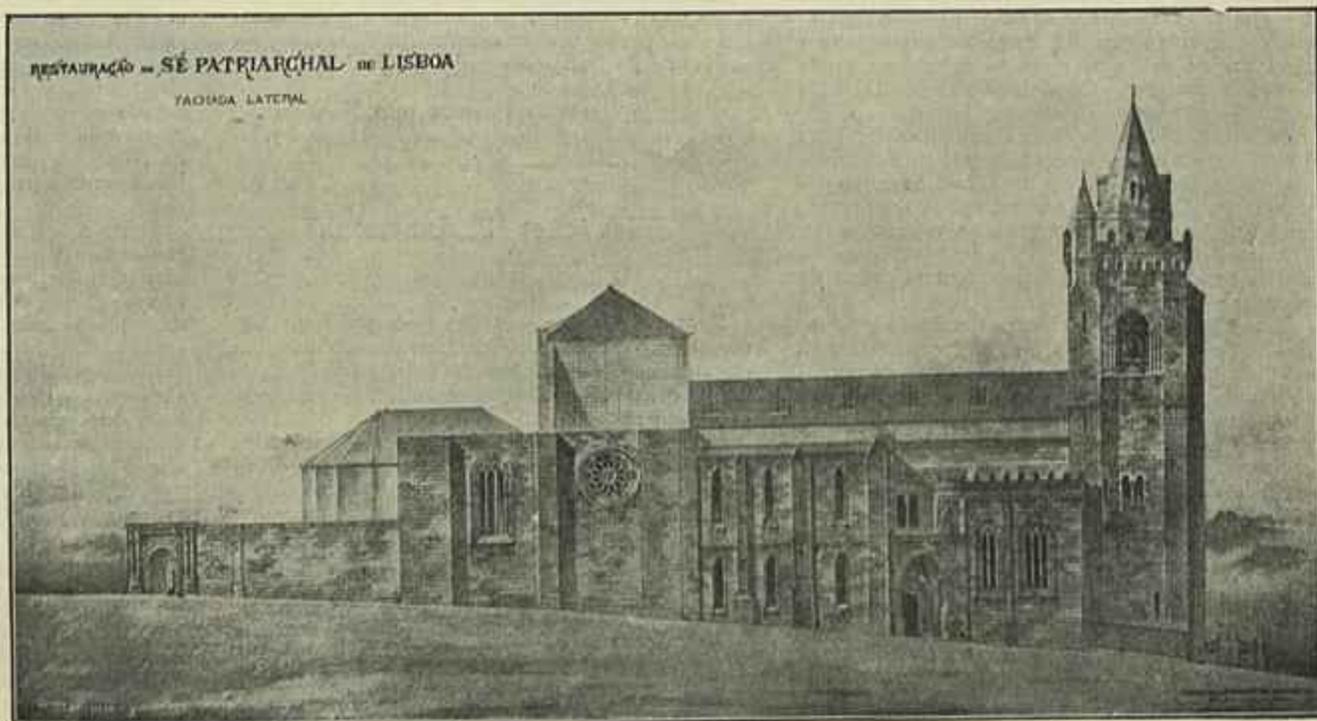
Como se pôde vêr no bello livro de Augusto Fuschini sobre a *Historia da Arte na Edade media*, a restauração d'esta parte da Sé devia limitar-se a um simples aperfeiçoamento das suas linhas architectonicas, sem jámais haver a idéa de transformar o estylo existente em qualquer dos estylos que caracterizam fundamentalmente o edificio da Sé.

Depois d'este edificio, temos a parede que fórma o extremo do braço direito do transepto, cuja restauração deverá seguir exactamente a mesma orientação architectonica da parede fronteira, que fórma o outro extremo do transepto. Uma grande rosacea, fechada por vitraes desenhado* com figuras symbolicas, substituiria a de ferro, que ainda hoje ali existe; e na parte interior a esta, onde se encontram duas pequenas janellas rectangula-



LADO SUL DA SÉ DE LISBOA
COMO FICA
DEPOIS DE RESTAURADA

rante o seculo XII — não em Portugal, que nem sequer na primeira metade do seculo XIII conheceu a riqueza do estylo romanico — ficaria um trabalho que, não deixando de ter, no seu conjuncto, uma certa simplicidade de linhas, como em rigor o exige o edificio da Sé, destacasse esse corpo central, fazendo, ao mesmo tempo, desaparecer a monotonia que nos offerece aquella grande mole de pedra, dando assim um maior brilho ao monumento, que é de uma architectura bastante modesta, sendo, portanto, conveniente enriquecel-o, n'um ou n'outro ponto, sem, contudo, fugir ao estylo geral, conseguindo por esta fórma, não só o seu engrandecimento, como tambem diffundir entre nós as belezas do estylo romanico,



LADO NORTE DA SÉ DE LISBOA, COMO FICA DEPOIS DE RESTAURADA

res, abrir-se-ia uma galeria, em tudo igual á que está do outro lado.

E' facil de comprehender que os effeitos de luz conseguidos pelos vitraes e galeria d'este lado da Sé seriam muito mais brilhantes, attendendo á melhor exposição que apresenta esta fachada.

N'um trabalho de restauração, segue-se um plano préviamente estabelecido; porém, muitas vezes, á medida que vamos tratando de cada um dos elementos que são a linha geral d'esse plano, somos obrigados a modificá-lo n'um ou n'outro ponto, n'uma ou n'outra linha de maior importancia, que um simples detalhe; por isso Augusto Fuschini, comquanto não tivesse tido, primitivamente, a idéa de cobrir com terraços ameados as abobadas dos braços do transepto, levantando ali pequenas agulhas que rematassem os extremos das escadas de caracol que existem de ambos os lados e dão serventia para o *triforium*, tinha ultimamente em vista levar a effeito esta alteração do primitivo plano.

Relativamente á fachada lateral-sul, não teve infelizmente tempo senão para iniciar a sua restauração; entretanto, pelo trecho que ahí se vê, já se pôde avaliar o bello effeito que se obterá, se um dia fór concluido este trabalho.

(Continúa.)

MARTINHO DA FONSECA.

A cerca do Convento das Salesias onde se vae construir a nova Cadeia Civil de Lisboa

O Convento das Salesias está situado na rua do mesmo nome, e que do Altinho, onde termina a rua da Junqueira, e começa a rua Nova da Junqueira, vae para a dos Quarteis, no sitio da Boa-Hora, Ajuda.

Este convento foi fundado nos principios do seculo xviii pelo padre Teodoro de Almeida, autor do *Feliz Independente*, da *Recreação Filosofica* e outras obras, e que ajudou o padre Carvalho na instituição do Seminario dos Orfãos e o levou a fundar a Casa da Visitação de Santa Maria para educação de meninas e para a qual vieram de Anney de Saboia as primeiras religiosas, em 1714.

A egreja deste convento que o padre Teodoro de Almeida, não pôde acabar de construir, foi depois acabada pelo padre pregador A. R. dos Anjos Beirão.

E' um vasto templo, em fórma de cruz, com elevado zimbório sobre o cruzeiro.

Tem alguns quadros de va-



FACHADA PRINCIPAL DA SÉ DE LISBOA, COMO FICA, DEPOIS DE RESTAURADA CONFORME O PROJETO DE AUGUSTO FUSCHINI

lor, especialmente um grande que existe na sacristia representando o Senhor Morto entre S. João Evangelista e Santa Maria Madalena.

uma grande desgraça, pela velhice do edificio que facilmente se tornaria pasto das chamas.

A venda do velho palacio, que ocupa um largo terreno, poderá concorrer com uma boa quota para a despeza a fazer com a nova construção.



CERCA DO CONVENTO DAS SALESIAS, ONDE SE VAE CONSTRUIR A NOVA CADEIA CIVIL DE LISBOA

Este convento dedicado a collegio de educação de meninas, era de bôa fama, pois ali foram educadas esmeradamente milhares de filhas-familias, desde a fundação do collegio até á implantação do novo regimen, que suprimiu todas as congregações religiosas.

O governo da Republica destinou ultimamente este convento para nele se estabelecerem Casas de Trabalho, instituição que foi criada em 1905 pelo sr. conde do Cartaxo, quando governador civil de Lisboa e que a experiencia já tem demonstrado serem de grande utilidade.

Tendo este convento das Salesias uma grande cêrca ou, quinta, com boas arvores de frutos e outras e um magnifico olival, teve agora idéa o governo de aproveitar este vasto terreno para nele edificar uma nova Cadeia Civil de Lisboa, em substituição da antiga cadeia, denominada Limoeiro, estabelecida nos antigos paços da rainha D. Leonor, mulher do rei D. Fernando I.

Para este effeito o sr. capitão França, director das cadeias civis de Lisboa, apresentou ao sr. ministro da justiça um projeto de nova cadeia, que será solidamente construída, com 1:500 celas, numero que permitirá os presos mudarem-se de umas para outras, afim de que se possa fazer a devida limpeza e abersvar todos os preceitos da hygiene.

Junto á cadeia, no terreno que sobra, serão construídas oficinas para os presos trabalharem.

Este projeto está para sobre ele dar o seu parecer uma comissão de tecnicos nomeada pelo sr. ministro do fomento.

A realisar-se a obra, será um grande melhoramento para a capital, livrando-a da antiga cadeia do Limoeiro, edificio improprio nas peores condições higienicas encravado no centro da cidade, sem sufficiente garantia de segurança, muito especialmente em casos de incendio, o que seria

PROSA VII

DE

Albino Forjaz de Sampaio

Um magricellas, sem chorume nem substancias, pallido, desolhado, amarellido de rosto, a rir em soluços como o Silva Pinto, e d'uma mansidão de genio que chega a parecer uma pomba sem fel. E' isto o grande revoltado, o Marat dos litteraticos, o azorrague dos burguezes? Elle que não pôde com uma gata pelo rabo e que vem ao cafésinho da

noite com um sorriso engatilhado e os modos tímidos d'um collegial? Ora bolas!

O fallecido escriptor Manuel Penteadó — quando no *Jornal do Commercio* se referiu ao livro *Lisboa tragica*, do mesmo auctor — traçando assim a individualidade d'este escriptor dá bem a nota do que é Albino Forjaz de Sampaio que ora nos apparece com mais um precioso livro de chronicas a que pôz o titulo de *Prosa vil*, e de que são editores os srs. Santos & Vieira, da Empresa Litteraria Fluminense.

Posto a par de: *Palavras cynicas*, *Chronicas immoraes* e *Lisboa tragica*, *Prosa vil* não desmerece d'elles, se bem que, pelo contrario, é ainda superior aos outros, vendo-se que Albino Forjaz de Sampaio vai burilando cada vez mais a sua maneira, caminhando sempre para a perfeição estylistica, o que consegue com rara habilidade.

Como o auctor pertence ao numero dos estudiosos e muito leitores, natural é apresentar um livro que, pela fórma como annota vicios e illusões dos actores, o pessimo ou o excellente do espectáculo — consoante nos diz no seu *Prologo* — se exgote e tenha novas edições como já aconteceu com o *Palavras cynicas*, o que é caso vulgarissimo no nosso paiz com obras de tal genero — a ponto de merecer menção especial — e, por consequente, uma grande honra para quem o escreveu.

Chronica alguma das que constituem o *Prosa vil* é para desprezar. Comtudo — se licito nos é destrinçar algumas — diremos que nos agradam muito as que respeitam: *Quando o fado é rigo-roso*; *O Fado*; *Fragmento de uma carta*; *Políticos*; *João Rosa*; *Viagens*; *A Questão orthographica*; *A Gastronomia*, *sciencia da vida*; *Na Boa Hora*; *Jornaes e Jornalistas*; *Ferrer*; *Camillo e Gente moça*.

N'essas chronicas ha verdades amargas e pungentes que Albino Forjaz de Sampaio — honra lhe seja — diz com um desassombro e uma audacia de que poucos, pouquissimos, são capazes.

Crêmos que — formulando esta nossa humilde opinião sobre tão soberbo livro — temos feito o melhor elogio ao *Prosa vil* cuja dupla offerta agradecemos aos srs. Santos & Vieira.

XX-III-CMXII.

RUY D'ABOIM

Questões d'arte

Um artista esquecido, Johann-Rudolph Zumsteeg

(1760-1802)

V

Os paes de Zumsteeg eram muito pobres para que o pudessem ajudar. A familia Andreae estava sempre mal disposta com Luiza, pois não se podia recordar que tivesse casado com o filho d'um lacaio sem fortuna, apenas com um bom coração, com talento, catholico e musico! Assim ia passando a vida o pobre compositor vendo ao redor de si a miseria continua.

O augmento que recebera de 200 florins como professor da Karls-Schule não o podia salvar.

Como tivesse entrado professor para a escola onde tinha sido e lucado, dedicou-se com um enorme afan ao estudo do seu instrumento favorito, o violoncello.

Nos principios de 1787 Schubart foi nomeado director do theatro, e escolheu logo Zumsteeg no posto de *Konzermeister*. Os *Brigões* foram levados á scena, e viu-se claramente a grande actividade de Zumsteeg, pois foi encarregado de escrever ouvertures, musicas de scena para peças de Shakespeare, pantomimas e tres *lieders* para o *Othello*.

Durante dez annos não escreveu mais operas, talvez pelos desgostos que soffrera com varias intrigas de bastidores. Na corte gosava de um certo prestigio, pois era elle sempre que musicava obras para diversas festas, anniversarios, etc. Uma cantata composta em 1790 sobre um texto de Johann Christmann, pela occasião da coroação de Leopoldo II, fez um enorme successo! O editor recebeu do imperador uma bem gravada medalha de ouro e trinta ducados; e o compositor não recebeu nada... em todos os tempos o mesmo grau de ingratidão!

Felizmente Zumsteeg encontrou na casa edi-

tora Breitkopf um grande apoio para a sua vida (1).

A vinda do poeta Bürger a Stuttgart em 1790, attrahira sobre aquella gente uma grande impressão. Os seus versos e baladas foram lidos e admirados e nos melhores salões, as suas obras eram lidas com infinito interesse. Zumsteeg, como é natural, tomou conhecimento com Bürger e a sua balada *Des Pfarrers Tochter in Tauben hain* fez lhe tal impressão que tratou de a musicar.

Esta balada ficou uma das suas melhores obras, entrando logo no dominio da moda. O grande etitor tomou conta d'ella, e Zumsteeg pôde-se então dizer que encontrou n'esta casa um sustentaculo moral á sua vida de compositor. A correspondencia que houve entre Zumsteeg e os Breitkopf, é muito curiosa e se um dia vier que appareça á luz da publicidade, serão paginas curiosas da sua vida!

Zumsteeg foi sempre um homem que pouco se importou em estipular os preços das suas obras; possuia n'este sentido um acanhamento muito curioso! As edições primitivas das suas obras eram magnificas, bello papel, formato grande, e com *vignettes* bem lançadas.

Zumsteeg dedicava-se agora a conhecer as obras de Mozart e Haydn; estudando as suas obras, ia ficando livre da influencia italiana.

Como director de theatro, Zumsteeg quiz introduzir grandes reformas, lutando com tudo e com todos, pois estavam habituados ao gosto puramente italiano. Foi uma verdadeira guerra que teve que sustentar para poder pôr em scena as obras de Mozart: *D. João*, *Flauta encantada* e outras.

(Continúa.)

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Artistas lyricos

A insigne cantora Dora Domar — A sua vida artistica — A sua estada no Colyseu — Conversando — O que pensa do publico de Lisboa — Futuras recitas.

Bastará ler ha cinco annos para cá as revistas e jornaes d'arte de Italia para que vejamos o nome da artista lyrica Dora Domar fazendo parte dos elencos dos grandes theatros da Europa. Natural d'essa cidade artistica como é Florença, desde muito nova teve sempre grande predilecção para a arte de Mozart, tomando desde logo lições com magnificos professores de canto, que viram em Dora Domar uma cantora de largo futuro. Não se enganaram, pois em cinco annos de carreira, apoz a sua estreia, passou logo para as grandes scenas lyricas de Italia incluindo o *Scala* de Milão, theatro em que muitos cantores não conseguem ser escripturados senão passados muitos annos de carreira. Mas esta illustre artista possuindo uma linda voz de soprano lyrico ligeiro, e uma bella escola de canto, conquistou immediatamente os primeiros theatros, cantando ao lado de celebridades como Bonci, Pini Corsi, Russ e outros.

Assim, o seu nome já passou pelos theatros de Florença, Milão, Turim, Vienna, Budapesth, Constantinopla, Brescia, Cremona, Roma, Egypto, Grecia, Real de Madrid, etc.

A sua vinda agora á nossa capital marca um certo acontecimento artistico, pois pelo Colyseu têm passado artistas lyricos que hoje são celebridades como Boninsegna, Walter, Zerola, Masini Pieralli, Galvany, etc.

Desejando colher mais algumas informações da distincta cantora fomos procural a em nome d'esta revista, sendo recebidos pela sr.^a Domar com muita amabilidade e gentileza.

A sr.^a Dora Domar deu nos a impressão de uma artista assaz modesta, porém o seu rosto illumina-se e alegra-se quando falla da sua arte, que é para ella toda a sua vida, o seu unico pensamento!

— Para mim a musica, disse nos a artista, é a unica arte que falla ao sentimento humano, ao coração! Não calcula o meu estado de espirito quando termino por exemplo um andante sentimental, sinto que a minha alma vibra ao menor contacto do Bello, da força da Belleza!

— Tem um repertorio muito vasto?

— Para cima de vinte e cinco operas.
— Quaes dos auctores gosta mais de cantar?
— Eu gosto de toda a musica quando é realmente boa, tenho uma grande admiração pelos classicos, Mozart encanta-me; Bellini, Donizzetti, Verdi...

— Qual é a sua opinião sobre os modernos de Italia?

— Para mim Pietro Mascagni é um genio; como Puccini tambem possui operas de valor, gosto immenso da sua *Butterfly*.

— Tem esta opera no seu repertorio?

— Sim, e tinha um enorme empenho de a cantar no Colyseu, assim como a *Manon* de Massenet.

— O que pensa do publico de Lisboa?

— Estou deveras grata com a fórma gentil como tenho sido recebida pelo publico de Lisboa; vejo que é um povo que possui sentimento musical e que *sabe ouvir*.

— Estas operas por preços tão baratos, têm um lado educativo deveras sympathico.

— Não calcula, a impressão que me tem feito a fórma como o publico da geral sabe ouvir os trechos que pelo seu caracter delicado necessitam da maxima attenção! Pôde acreditar que estou encantada com o publico portuguez e com a critica que tem sido d'uma amabilidade captivante.

— Justiça e nada mais; que operas vae cantar?

— Por enquanto nada sei, é provavel que cante o *Rigoletto*, *Puritimos*; mas, repito-lhe, gostava muito de mostrar ao publico de Lisboa o meu trabalho no *Butterfly* de Puccini.

Então Dora Domar mostrou-nos um album, onde podemos ler as melhores referencias do seu trabalho na obra Pucciniana.

Despedimo-nos então da illustre cantora, que nos deixou uma optima impressão, pois vimos ser uma artista inteligente e instruida, o que nem sempre acontece...

Colyseu dos Recreios

Opera lyrica

Cesarina Lyra no *Trovador* — *Sonnambula* — *Gioconda* — *Rigoletto*.

A cantora portugueza Cesarina Lyra tão bem recebida na opera *Aida*, cantou agora o *Trovador* a velha opera de Verdi. Desculpe a novel cantora, que nós, como criticos sinceros, lhe façamos um pedido, abandone esse repertorio, vá para Italia estudar, pois possui disposição bastante para que alcance no mundo lyrico uma bella carreira, por enquanto achamos cedo, repertorio de tantas responsabilidades!

A *Sonnambula* pela distincta cantora Dora Domar foi mais um triumpho que conquistou perante o nosso publico! A sua voz de timbre agradável soube traduzir toda a melodia da partitura, phraseando bellamente e dando mais uma vez provas de ser uma grande cantora. Foi muito applaudida, e com a maxima justiça.

O tenor Paganelli menos feliz n'esta opera que na *Favorita* continua a ser um cantor que sabe usar da voz agradando sem favor.

Os restantes artistas discretos.

A opera de Ponchielli *Gioconda* com a distribuição que teve, exceptuando a meio soprano Marrugatti e barytono Moreo, era de esperar que tivesse um exito bastante fraco.

Não nos enganámos, pobre musica, que tanto soffreste!

O *Rigoletto* de Verdi chamou ao Colyseu uma colossal enchente! No papel de *Gilda* a sr.^a Domar alcançou toda a noite grandes applausos, pois n'esta opera revelou mais uma vez o seu bello methodo de canto, e a sua preciosa voz. Em todos os trechos Domar foi de uma correcção notavel.

O tenor Paganelli, sempre o cantor de linda voz, phraseando muito bem, tendo que trisar a canção do ultimo acto.

O barytono Moreo, fez todo o possivel de cantar o melhor que pode, notando-se todavia ser um cantor que já não está no brilhantismo da sua voz.

Os restantes cantores, discretos.

A orchestra regular.

Quem se casa é como quem vae á guerra; vae exposto a quanto vier.

(1) Esta casa foi fundada em 1789 por Bernhard-Christoff Breitkopf, e ainda hoje é uma das melhores casas editoras da Alemanha.

NECROLOGIA

Dr. Antonio de Azevedo Maia

Perdeu a classe medica um dos seus melhores ornamentos com a morte do medico portuense dr. Antonio de Azevedo Maia, que repentinamente faleceu, no Porto, no dia 2 do corrente.

Antonio de Azevedo Maia, nasceu na freguezia de S. Pedro de Fajozes, concelho de Vila do Conde, em Fevereiro de 1851.

Alumno do curso da Escola Medica do Porto, defendeu tese, em 1874, revelando belos dotes de intelligencia e amor ao estudo, que desde logo o indicaram para lugar superior na ciencia a que se dedicava, com tanta vocação.

Assim, concorrendo á cadeira de medicina da Escola Medica do Porto, foi nomeado lente substituto em 1875, e, em 1880, promovido a lente proprietario.



DR. ANTONIO DE AZEVEDO MAIA

Regeu depois a cadeira de Patologia Geral e no impedimento do respectivo professor, prelecionou a cadeira de Materia Medica.

Em outubro de 1887 passou a lente proprietario da cadeira de Clinica Medica.

Desde 1907 que se tinha jubilado. Operador distintissimo, dirigiu por muitos anos os serviços clinicos do Hospital de Santa Maria, a que dedicava especial solicitude, praticando ali numerosas operações nos doentes.

No Congresso internacional de Medicina, realiado em Lisboa no ano de 1906, o dr. Azevedo Maia foi o presidente da secção de Ginecologia.

Tomou parte tambem nos negocios da publica administração, sendo vereador da Camara Municipal do Porto, de 1898 a 1899, desempenhando o cargo de presidente, quando o dr. Antonio de Oliveira Monteiro deixou aquele por ter sido nomeado par do reino.

PELOS TEATROS

Trindade

Subiu ultimamente á scena do theatro da Trindade uma peça que por muitos titulos tem despertado o interesse e agrado do publico. Intitulase o *Principe de Pilsen*, e passa-se no delicioso Casino de Monte Carlo, onde acodem os abastados avidos de prazer e distração, de todo o mundo. Ahi desenvolvem-se os episodios mais engraçados.

Um americano fabricante de cerveja e sua filha fazem-se passar por principes de Pilsen. Elle não resiste aos encantos de uma duqueza e procura fazer-lhe a corte.

Um outro pretendente aposta que ha-de moseal-a com um beijo e recorre até ao expediente de um disfarce em trajo femenino para lh'o apanhar. Não o consegue apesar de todas as diligencias e recorre a outro meio, sabendo que ella amara apaixonadamente um musico que tocava trombone. Introduzindo-se no logar da orchestra o assopro no instrumento chama a attenção da duqueza que exclama num extasi de entusiasmo. Amor, meu trombone, vem a meus braços!

E o pretendido musico salta de um pulo para o palco e ganha a aposta.

No decorrer da tentativa, aparece o verdadeiro principe que o deixa vencer pela beleza da filha do cervejeiro que lhe usurpava o titulo. Um official de marinha, noivo que lhe estava destinado, chega para a visitar, mas não era correspondido, nem elle morria por ella, uma outra mulher que para ali havia seguido o obrigou a recorrer áquelle pretexto. O duetto entre estas duas personagens é de magnifico efeito e sempre aplaudido pelo publico que pede bis. Os episodios succedem-se e por fim o Principe democratiza-se casando com a filha do cervejeiro, e o official de marinha com a sua idolatrada.

A festa das flôres, as festas dos cadetes e as scenas do luar são de um efeito surpreendente. Amadeu Ferrari desempenha com apuro a parte do principe. Correia um verdadeiro excentrico, Gomes um engraçado pretendente que sabe confiar ao trombone o triunfo da sua aposta. Flora Dyson sabe com arte conquistar o amor do principe. Rafaela Fons verdadeiramente gentil no seu *travesti*, consegue apaixonar a forasteira, papel que Auzenda de Oliveira desempenhou com todo o esmero. Medina de Sousa admiravel, mostrando como uma duqueza pôde ceder á influencia da arte.

A musica, os bailados, o esplendor do scenario e apuro com que a peça está posta em scena, mostram a bizzarria com que a empresa se esmera em manter os seus bons creditos e a estima que o publico lhe dispensa, satisfeito por tão atraente espetáculo a que não regateia aplausos.

Medina de Sousa realisou esta semana a sua festa artistica com a *reprise* da opera comica *A Musa dos Estudantes*, original de Cunha e Costa e Machado Correia, e que tem atraído extraordinaria concorrência ao teatro da Trindade. O publico dispensou á simpatica e distinta actriz estridentes salvas de palmas, sendo-lhe oferecidos muitos *bouquets*, e lindas *corbeilles* de flôres pelos seus numerosos admiradores.

Palmyra Bastos que tem nesta peça uma das suas melhores creações, deu todo o relevo e brilho ao seu papel com a primorosa intuição do superior talento que todos lhe reconhecem e apreciam.

Auzenda, Correia, Gomes, todos os interpretes emfim, concorreram satisfatoriamente para o bom exito da peça, que não verá retirada da scena tão cedo a julgar pelo acolhimento festivo que obteve. A vista final representando a batalha de Vimieiro, trabalho magnifico do fallecido scenografo Augusto Machado é de um efeito surpreendente que deixou maravilhados todos que assistiram ao espetáculo, aplaudindo vivamente, autores, actores e a empresa.

Phantastico

Com grande successo está-se representando neste teatro a revista em 2 actos e 6 quadros, original de Alvaro Martha e Adriano Mendonça com musica do maestro Vasco de Macedo, intitulada *Chucha Zé*.

A peça que está bem posta em scena é merecedora de ser vista pelo publico, não só pela graça como pelo desempenho de Maria Victoria que nos dá em cada typo que representa uma ideia nitida dos personagens, Nice Figueira, Delfina Costa, Jayme Osorio no engraçado papel de *Chucha Zé*, Victor Cruz, de um brasileiro escovado, Alberto d'Almeida, etc., todos conseguem agradar.

O scenario e guarda-roupa todo assim como uma bella *mise en scène* honra a empresa que se não poupa a sacrificios para variar os seus espetaculos e atrair publico ao seu confortavel teatro.

Rua dos Condes

Elle ahi está... é exclamação que salta da boca de todos ao ouvir o toque apropriado de um cornetim. E o publico ao ver este nome no cartaz corre presuroso á bilheteira do teatro para aplaudir mais uma vez os interpretes desta engraçada revista posta em scena com todo o luxo, boa musica e de lindos efeitos scenicos.

JAYME SERRA.



Palavras sobre a expressão no teatro, por Hipolito Raposo. Tipografia Universal, Lisboa.

Hipolito Raposo, o scintilante cronista, bem conhecido, sem duvida, dos nossos leitores, o probo contista da *Boa Gente*, o evocador nostalgico da *Coimbra Doutora*, propoz-se como con-corrente á cadeira de *Filosofia Geral das Artes*, da Escola de Arte de Representar.

E para isso escreveu uma dissertação — excelente dissertação — que publicou e teve a gentil amabilidade de nos enviar — o que muito penhoradamente agradecemos.

Lemos com deleite este pequeno trecho de boa e sobria prosa, simultaneamente simples e denunciadora de lucido e incontestavel saber do seu autor.

Mais uma vez agradecemos a gentil oferta.

A Importancia e Dignidade da Ciencia e as Exigencias da Cultura Cientifica por A. J. Ferreira da Silva, professor da Faculdade de Ciencias da Universidade do Porto. *Discurso pronunciado em 1 de novembro de 1911, na sessão de abertura solene da Universidade do Porto, no ano letivo de 1911-1912.* — Coimbra Imprensa da Universidade, 1911. — Folheto de 28 paginas de 8.º Extrato do tomo VI dos Anaes da Academia Politecnica do Porto, publicados sob a direção de F. Gomes Teixeira.

Dedica o autor este seu trabalho ao dr. Antonio Luis Gomes, com as seguintes palavras:

«Dentro da variedade de ideias filosoficas, podem, e deveriam, todos os portuguezes irmanarse no amor á Patria comum, no culto da Liberdade e da Justiça.»

«Estes são os sentimentos que vos teem nor-teado no caminho aspero da vida publica.»

«Recebei esta singela manifestação de respeito e apreço pelas vossas virtudes cívicas e de reconhecimento pela estima com que me haveis honrado.»

Com a alta competencia que distingue o sr. dr. Ferreira da Silva, trata o autor o assunto que se propoz e de que o seguinte sumario dá ideia:

- I. A ciencia não é entretenimento esteril. A ciencia civilisadora, e base dos progressos materiaes das nações. A ciencia educadora. A ciencia emancipadora e escola do pensamento livre. A ciencia pacificadora e principio de concordia internacional. A ciencia bemfeitora da humanidade (БЕНЕФИТОР).
- II. A esterilidade scientifica dos povos da peninsula iberica. Pretendidas causas dessa esterilidade: viveza de imaginação, heterogeneidade ethnica, beleza do clima e feracidade do solo; opinião do prof. dr. CAR-RACINO. Principal causa do atraso da cultura scientifica em Portugal: orientação puramente literaria e retorica da instrução nacional desde longa data; apreciação justa de ALEXANDRE HERCULANO: documentos justificativos.
- III. As condições indispensaveis para a cultura das ciencias segundo o sr. prof. Louis HENRY: meios de trabalho — *materiaes e intellectuaes*. Livros e bibliotecas. Coleções de historia natural. Laboratorios devidamente instalados, com dotações suficientes e de pessoal auxiliar: assistentes, preparadores, ajudantes, serventes. Apreciação dos prof. CANNIZZARO e GILBERT. Importancia da questão dos vencimentos dos professores; o problema da sua vida deve ficar resolvido. Estimulantes da cultura scientifica: concursos a premios sobre questões postas; premios; missões de estudo. Educação do meio social no sentido de dar apreço e animar os estudos das ciencias.
- IV. Saudação ao Ministro. Portugal deve cuidar a serio da sua instrução superior; os exemplos a seguir: o resurgimento científico da Italia, do Japão e da Espanha.

Epilogo. Saudação aos alunos: elogio do trabalho: palavras de PASTEUR, RAMON Y CAJAL e FERREIRA LAPA. Incitamento á cultura scientifica em colaboração com os professores.

